

# JORNAL DAS SENHORAS.

## JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina da capa.

### CHRONICA DOS SALÕES.



Começarei, leitoras, este artigo noticiando-vos a chuva que tem havido durante esta semana, e que todas vós vistes quando eu a vi: mas o que ignorais, sem duvida, é que o Passeio Publico esteve aberto e illuminado até tarde em todas as noites tempestuosas, fazendo-se assim uma despeza inutil talvez na supposição de haver na cidade muita gente douda que quizesse ir lá passeiar e refrescar-se com tão copiosas cargas d'agua. Se eu tivesse poder teria mandado para lá a companhia do gaz aproveitar a claridade, para que o governo não pagasse a despeza inutilmente.

A respeito de reuniões dir-vos-hei em primeiro lugar que no dia 1.º do corrente deu a sociedade *Sylphide* a sua partida com todo o brilho e decencia que lhe é natural. Angelicos semblantes, brilhantes olhos e meigos risos presidirão a este baile, onde reinou constante prazer e animação entre as sedas e as flores de variados e lindos *toilettes*.

Houve em Petropolis, em um dos dias da semana passada, um esplendido baile, por motivo do anniversario natalicio de uma Ex.<sup>a</sup> titular por quem tenho particular sympathia e dedicação, e a quem felicito por tal motivo.

Tenho noticia que a concorrência de pessoas e riqueza de serviço correspondêrão ao digno motivo da festividade, a qual sinto não ter po-

dido comparecer por me achar então na córte.

Na terça-feira houve tambem uma escolhida e brilhante companhia no hotel do Sr. Angelo, em Catumbý, cujas salas forão occupadas por uma das nobres familias desta cidade, que nellas reuniu as pessoas de sua amizade para festejar os felizes annos de uma das mais respeitaveis senhoras da nossa sociedade. A affabilidade e delicadeza de todos os membros desta familia converterem em ordens terminantes os seus convites; e por isso foi a reunião bastante concorrida, não obstante ter chovido copiosamente nessa noite. Quizera dar conta de alguns elegantes *toilettes* que ahi havião, e sobretudo os de duas interessantes senhoras minhas amigas; mas temo ser averbada de suspeita, ou mesmo ser pouco exacta na distincção que dellés faça, porque em todos notei quanto o bom gosto pôde variar sem deixar de ser bom gosto. Demais, segundo a expressão de um cavalheiro que lá estava, o *brillantisimo da companhia pelo espirito e pela amabilidade* de tantas senhoras fazia esquecer seus lindos vestidos e elegantes penteados para suppôr uma reunião de fadas seductoras: verdade esta, talvez unica, proferida pelo mais lisongeiro de todos os homeus que tenho encontrado nas nossas sociedades. Faria eu serviço ás minhas leitoras dizendo-lhes o seu nome, para que o não acreditem em seus poeticos discursos; mas para que

elle se não enfade commigo dir-lhes-hei particularmente a cada uma dellas, quando m'o perguntarem.

Na sexta-feira passada reuniu o Sr. Dr. Araujo os seus parentes e amigos na bella e espaçosa casa do Sacco do Alleres, e ahí passou-se uma noite por demais agradável, dançando-se e cantando-se.

No sabbado o casamento de uma das flores do bairro de S. Christovão, que teve por padrinho o Exm. Sr. Conselheiro Eusebio, atrahiu á casa de seu pai uma luzida e escolhida reunião aonde grande numero de lindas moças abrilhantou tanto a *soirée* do sabbado, como o haquetete de domingo. Em ambos esses dias foi completa a funcção, e não houve quem ao retirar-se não tivesse saudades dos prazeres e emoções que nelles se gozárão.

As partidas do *Club Fluminense* vão ganhando bem merecida importancia no mundo elegante. A singeleza dos *toilettes*, a delicada familiaridade entre todas as pessoas que as frequentão, e emfim a obsequiosidade e distinctas maneiras do empresário lhes dão subida estima. Na quarta-feira tive o prazer de passar ahí a noite, e confizei a opinião que desde muito tempo fazia

deste importante estabelecimento. Muito estimarei, e creio que todas as senhoras igualmente, que os esforços da empresa sejam secundados por seus assignantes, para que o *Club Fluminense* possa conservar-se e elevar-se á altura da sua real importancia e utilidade na sociedade fluminense.

Permittão as minhas leitoras que lhes excite o desejo de concorrer a estas partidas onde comparecem sempre cerca de cincoenta senhoras.

Até agora o calor não dava lugar a reuniões; agora a chuva concorre para augmentar as difficuldades que as impedem; por isso nada mais tenho que communicar-vos, minhas amigas, senão que a sociedade *Vestal* deve ter dado o seu baile na noite de 10 de corrente, do qual vos não faço já a descripção por não poder chegar a tempo de ser publicada neste numero, mas contentar-vos-hei no proximo domingo com a minuciosidade narrativa de quem esteve presente com firme proposito de observar tudo para tudo contar com exactidão.

Sera, pois, o baile da *Vestal* o objecto da chronica seguinte com o mais que occorrer e chegar ao conhecimento da vossa amiga

Alina.

### DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.

**VESTUARIO DE ESTAR EM CASA.**—Vestido de nobreza cor castanha, saia lisa, corpo de *basquine* afogado, abotoado adiante com botões; enfeites de fita de veludo preto.

Collarinho e sub-mangas de fofos fechados no punho de cambráia lisa.

Touca de renda preta enfeitada de fita de veludo azul.

**VESTUARIO DE PASSEIO.**— Vestido de nobreza, saia de dous folhos enfeitados de tiras de pelucia.

Capote de veludo enfeitado com o mesmo enfeite.

Chapéu de veludo *épinglé* cor de rosa, enfeitado de plumas, flores e blonde.

### JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 5.)

V.

*As duas cabeças.*

Mira bien, privado mio,  
No fies en altos puntos,  
Que es un fuego la privanza  
Que pára en ceniza y humo.

ROMANCEIRO.

Depois de D. Maria, princeza de Portugal, a mais formosa senhora daquelle reino era sem contradicção a sua antiga dama de honra a du-

queza herdeira de Silves. D. Alvaro de Luna, que assim dispuha umas nupcias como facilitava um divorcio quando convinha aos seus planos politicos unir ou divorciar alguém, havia levado á cabo a empresa de interessar o Portuguez na guerra contra os infantes por meio de um enlace entre duas familias poderosas. Ganhou assim a vontade do duque de Silves, que então era o principal dos fidalgos, e conseguiu que elle aceitasse a alliança do senhor de Vilhena, casando os herdeiros de ambos os titulos.

Antes de passar D. João de Toledo ás Andalu

zias verificárão-se, por procuração, os esponsaes, havendo custado a D. Leonor, viuva de D. Fernando de Antequera, muitas e amargas lagrimas o casamento de Roman; porém o donzel havia annuido aos desejos de seu pai com a indifferença do que não está enamorado. Julgou que obedecendo a seu pai só lhe cumpria fazer feliz sua mulher: e seu animo generoso resolvia-se a veriffical-o por meio de attenções delicadas que suprissem a paixão. Roman sentira na sua juventude essa vertigem de prematuros desejos que exaltão a imaginação quando se entra na puberdade; porém, dotado de um maravilhoso talento, havia conhecido a fundo o coração das mulheres, e chegára a esse estado de insensibilidade que os poetas chamão *desillusão*, e os pedantes *scepticismo*. Forão as cortezáas toledanas quem primeiro lhe fixáram a attenção; mais tarde despertáram-lhe a curiosidade as Mouras granadinhas: porém umas e outras representavão a degeneração de duas-boas raças, a góla e a árabe.

Certamente que D. Leonor, viuva de D. Fernando de Antequera, podia considerar-se como uma mulher mui differente de todas as do seu tempo. A' sua bella presença reunia a magestade de princeza real, que dava ao seu porte e a suas palavras a graça de uma rainha, quando por outra parte sua modestia e affabilidade captivavão os corações. Demasiado ingenua para disfarçar os seus sentimentos apaixonados, havia distinguido o donzel com um favor que não podia deixar este em duvida acerca do affecto que inspirava; porém Roman para a não amar tinha uma só razão, poderosa, incontrastavel: D. Leonor era *viuva*. O poetico ideal daquelle joven, que se adiantava ás idéas do seu seculo, adivinhando o typo de um ser virgem, infelligente e espirital, não lhe permitia distinguir perfeição alguma nas demais mulheres a quem faltasse algumas destas qualidades. Muitas vezes pensou na redoma de seu avô que talvez pudera dispensar-lhe o elixir precioso que havia de regenerar a especie, preparando-lhe uma digna companheira; porém nunca sonhou com a lisonzeira esperança de a encontrar.

A duqueza de Silves tinha ido a Medina do Campo reunir-se com a rainha, e agora no castello apercebe-se tudo para o recebimento da illustre princeza e de sua nobre dama, e D. João II forceja por parecer satisfeito, quando o punge sinceramente a fuga do principe D. Henrique com o desleal Pacheco. Reprehende-se a si proprio de não haver contido a autoridade de D. Alvaro, deixando que se alimentasse o odio de seu filho contra o audaz valido; e em sua fraqueza e impotencia queixa-se a este do triste conflicto em que o collocou a sua affectuosa condescendencia. Porém o condestavel não dá ouvidos ás suas queixas, e annuncia-lhe a chegada de sua esposa como uma ordem para que revista o semblante de alegria. Uma mulher pôde diminuir os desgostos de um homem, se é bonita; foi o que succedeu a D. João II, que amava D. D. Maria tanto quanto depois aborreceu a D. Isabel.

O pezar do Sr. de Vilhena, que quasi se lhe debuxára no rosto desde que julgou morto Ro-

man, houvera desapparecido, se a duqueza de Silves lhe pertencera: como assim não acontacia, porém, soltou um suspiro ao contemplal-a tão moça e tão formosa. D. Ignez, da sua parte, isto é, a mulher de Rouan, sentiu-se não menos achar-se viuva sem ter visto o seu desposado, e suspirou tambem ao ver o pai tão velho e tão feio. Já o de Vilhena em mente traçava, se lhe não apparecesse o filho, casar-se com sua mulher: e esta pensou que, se com effeito Roman morrera, podia ser Sra. de Vilhena para enviivar novamente. E' claro, comtudo, que nenhum manifestou ao outro o seu pensamento, por estar isto em opposição com os respeitaveis papéis de pai infeliz e de viuva inconsolavel.

Entretanto teve logar um espantoso successo, que consternou todos os do castello. Na terceira noite ali dormida, ou, para melhor dizer, dous dias depois de se haver dito uma missa por alma dos archeiros defuntos, amanheceu a capella do nosso padroeiro Santiago com as duas cabeças dos archeiros postas a um e outro lado do altar. O pagem de lança commentava este acontecimento aos atterrados servos, do seguinte modo:

— Fui eu um dos primeiros que virão as duas cabeças; tuihão os olhos abertos como nós, os narizes inchados, as bocas escancaradas, as orelhas estendidas, os cabellos como espetos, e a cór de enxofre. Quem se atreveria a pôr ali aquellas cabeças? Não podia ser senão o Mouro! Veção agora se tinha razão quando dizia que a *sombra está tão pegada ás paredes*, que nem o santo nos pôde livrar della.

— Eu tanto o acredito, Sr. Peres, disse um, que ainda não tirei a camisa desde que aqui estou. São já tres noites que passo á vela, receitando a cada instante que me leve o demonio: e estou para mim que fóra mais prudente abalar com o principe, como fizeram outros; D. Alvaro de Luna que vá puxando sósinho para as profundas do inferno.

— Eu cá penso o mesmo, acudiu outro: e se ha muitos que nos sigão, pois que não havemos de atravessar esses montes por ahí fóra sósinhos, abalemos para Toledo, que é terra conhecida e não ha *sombras*.

O medo é contagioso como a valentia, e immediatamente hoive oienta archeiros e trinta pagens, que com os seus competentes servidores se preparáram para abandonar o castello.

Quando o condestavel o soube mandou, ao som dos clarins, deitar pelos arautos, este pregão:

« Em nome de S. A. o mui sabio, magnanimo e poderoso rei D. João II, que Deus guarde, são declarados traidores os que debaixo de qualquer pretexto sahirem sem ordem do castello; e para exemplo aos que desobedecerem a este preccito serão esquarterados vivos os que no prazo de tres dias não vierem prestar juramento de fidelidade. »

Porém nem só nos vassallos de P. João tinha causado tão funesto effeito a appareção das duas cabeças. Tambem a real camara se achava em grande alvoroço. A duqueza herdeira de Silves tinha querido visitar a capella de Santiago, e tomára-a subito delirio que fazia receiar pela sua razão. A Portugueza jurava ter ouvido das en-

treabertas bocas sahir uma voz terrivel a annunciar-lhe a morte de seu marido; e a rainha (como Portuguezia tambem) protestava: que a sua dama de honor era mui devota do santo inimigo dos Mouros, e que a voz que tinha ouvido devia ser a do proprio santo.

O rei não eria nem duvidava, porque o discipulo de D. Alvaro não havia apreendido nem a crer, nem a duvidar: mas consolava a rainha com paternal solicitude, para que repellisse o medo que a todos infundia a aterrada duqueza.

Mégos corajoso nestes casos o terrivel dominador das vontades, D. Alvaro de Luna, sentia o terror do fanatismo, que reina sempre em uma consciencia mal segura; e conquanto se mostrasse severo com os que davão fé ao inaudito caso, mandou chamar secretamente um sabio Rabi, que acompanhava o rei, e ordenou-lhe que examinasse as cabeças. Alta noite admitiu o sabio no seu aposento e perguntou-lhe:

— Vistes as cabeças?

— Sim.

— E que vos parece?

— Que são duas cabeças.

— Isso já eu sabia.

— Duas cabeças de archeiros.

— E não sabeis mais nada?

— Que quereis que vos diga?

— Não adivinhastes cousa alguma?

— Adivinhei... que tinham sido cortadas com hachas.

— Isso tambem eu podia ter adivinhado, exclamou colérico D. Alvaro. Sahi.

La obedecer o Rabi abaixando humildemente a cabeça: D. Alvaro porém deteve-o e disse:

— Não me haveis comprehendido.

— Explicai-vos.

— Quero saber mais alguma cousa.

— Das duas cabeças?

— Das duas cabeças.

— Podeis perguntar.

D. Alvaro estava perplexo, e o astuto Rabi com os olhos baixos parecia gozar da sua afflicção. D. Alvaro puxou violentamente pela argola de uma gaveta e tirou della um punhado de ouro que entregou ao adivinho. Este, porém, recusou-o.

— Que presagião essas duas cabeças? disse altivo D. Alvaro fazendo um esforço.

— Acreditais em presagios? acudiu o Judeu affectando a maior surpresa, e contendo um sorriso.

— Que presagião? repetiu o supersticioso valido com altivo ademan.

O Rabi assumiu um ar grave, levou as duas mãos á testa e meditou.

O orgulhoso condestavel, cujo poder fazia trember Castilla; o valente guerreiro, terror dos Mouros, o oppressor dos reis, diante de quem curvava a cabeça D. João II; o grande politico, cujas combinações tinham suspensos os povos, era neste momento o mais miseravel dos homens. Com as azas do espirito recolhidas, como

as da ave em noite de tormenta, D. Alvaro aguardava as palavras do Rabi como a sentença do Céu. Um negro muscardo, dos que apparecem pelos montes, e que andava a esvoaçar em torno do caudil, escureceu naquella instante a luz. D. Alvaro estremeceu todo, e apertou ao peito um escapulario que costumava usar sempre.

— Estais muito empenhado em saber o que presagião as duas cabeças? disse finalmente o hebreu.

— Sim.

— Previno-vos de que são mui tristes presagios esses.

— Podeis fallar.

— Aquellas cabeças predizem a queda...

— De quem?

— De outras duas cabeças... Uma poderosa...

— Bem, enquanto a essa, acudiu D. Alvaro levantando-se, haveis acertado; mas não é poderosa, porque é a vossa.

— Eu disse que crão duas, proseguiu o Rabi, impassivel: uma será a minha...

— E a outra? perguntou com ansiedade D. Alvaro.

— E' a vossa!

O condestavel, aterrado, fez-se muito pallido, quando ouviu aquellas palavras que reboarão pelas abobadas com um eco fatidico. Mirou tudo em torno, como se receiasse que alguém ouvisse o fatal agouro, e, acercando-se logo do Judeu, disse-lhe com voz afogada:

— Silencio!

O Rabi sacou de uns papeis, em que se pedia a liberdade de seis Judeus presos na synagoga de Toledo, por terem querido converter á lei de Moysés um christião, e apresentou-os ao condestavel. Correu-os este pelos olhos, e restituiu-lh'os depois de os haver assignado.

— Estais satisfeito? disse com ar que bem mostrava o estado do seu espirito.

— Sim.

— Tendes a certeza de que se podem conjurar os astros para que o vaticinio deixe de cumprir-se?

— Creio firmemente que se podem conjurar os astros para que se cumpra sómente metade do vaticinio.

— Como?

— Não ha de cahir senão uma cabeça.

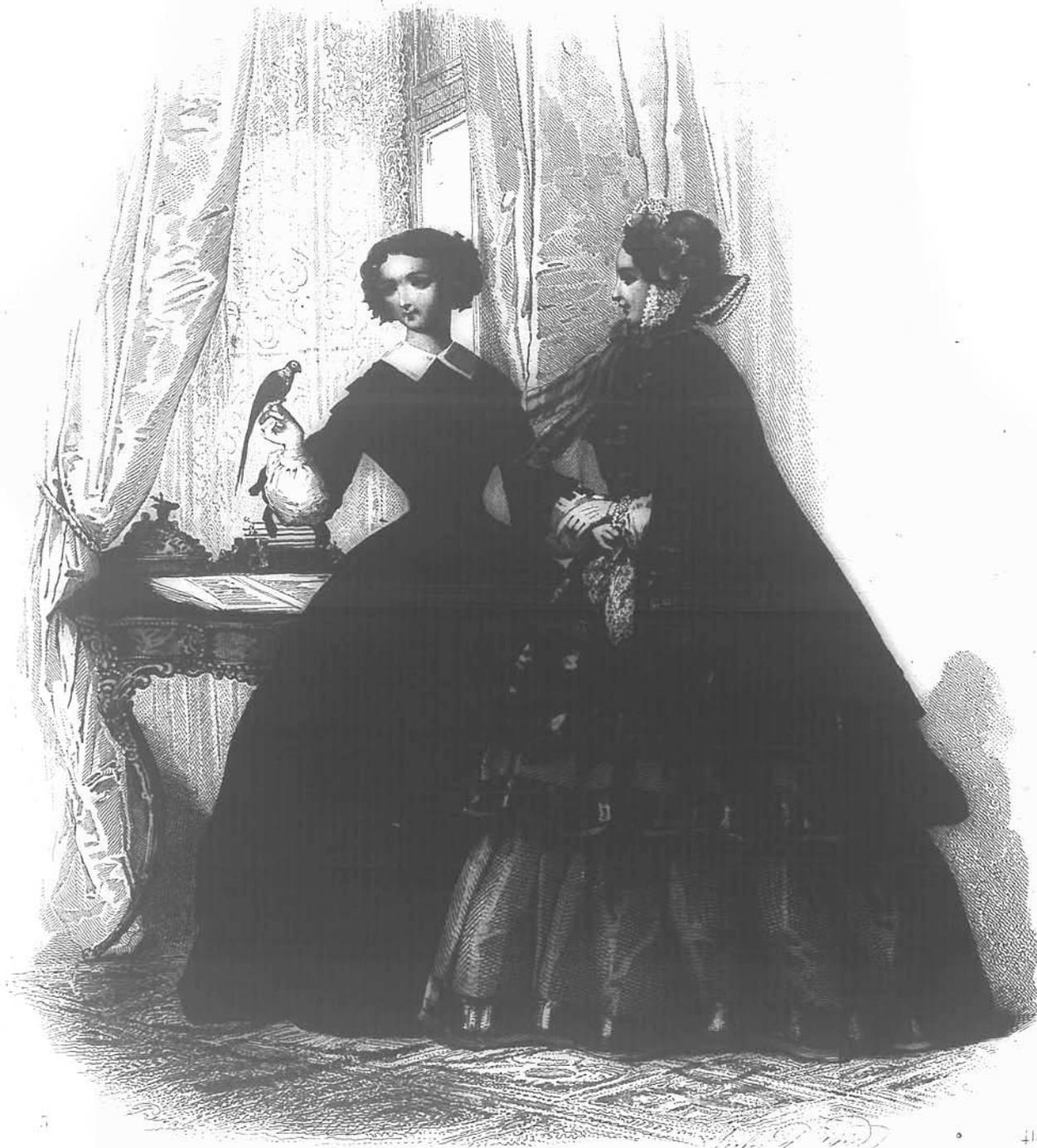
O muscardo tornou de agitar a luz, e D. Alvaro bradou assustado:

— Luzes!... Uma cabeça! proseguiu em voz baixa... dissestes que uma cabeça?

— Uma cabeça.

O condestavel comprehendeu que se salvava a sua, e ficou satisfeito, pensando cumprir a prophécia na do Rabi; porém, naquella mesma noite, poz-se este a bom recado, marchando para Toledo, d'onde depois se abalou para a sua terra, com os Judeus que haviam obtido a liberdade por graça do condestavel.

(Continúa).



LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue de Richelieu, 9.

*Chapman de la. M<sup>lle</sup> Stovani. Goussier de St. Germain. L<sup>re</sup> Confection.*  
*et Costellier de la. M<sup>lle</sup> Chopin. Costellier de G. Pichard. Dessinateur et Peintre de Richelieu.*  
*Bayard. L<sup>re</sup> Costellier. M<sup>lle</sup> Clémence. M<sup>lle</sup> de Chapin. L<sup>re</sup> Goussier. L<sup>re</sup> de la. L<sup>re</sup> de la. L<sup>re</sup> de la. L<sup>re</sup> de la.*



LONDON at the Station Office. NEW YORK at the Station Office.

Die Verlagsdruckerei...

## POESIA.

### A' BORBOLETA.

Se te chamão de—inconstante—,  
De — borboleta vaidosa —,  
Que nil flores n'um instante  
Queres beijar pressurosa;  
Chamão a meu—firme amor—  
Pão de assucar—no durar.

Se aprendestes nos salões\*  
N'uma hora prestar mil juras,  
E outros tantos corações  
Render com falsas ternuras;  
Eu nas selvas aprendi  
Fugir de juras assi.

Tens mui subida vaidade  
Desses teus tenros Janeiros;  
Mas, á murchar a beldade,  
Correm os annos ligeiros,  
E depois?... Não has de achar  
Secco ramo onde pousar.

Tu julgas scres da terra  
Estrellinha luminosa;  
Mas borboleta que erra,  
Borboleta tão vaidosa,

Que se posta na isenção,  
Ser facho, não pôde, não.

És qual leve—catavento—  
De mui ligeiros meneios,  
Que volves ao sópro lento,  
De sedições galanteios;  
És tão volavel no amar  
Como és em flores beijar.

Corre, corre borboleta,  
Pelos mares da inconstança,  
E qual perdida naveta  
Sem rumo e sem esperança,  
Vai nas ondas da illusão  
Mergulhar teu coração.

Voa, voa, em torno adejes  
Dessas flores dos salões;  
Mas... temeraria! Não beijes  
O rochedo dos Tritões,  
Que esse gigante do mar  
Sabe affrontas castigar.

Rio, Dezembro de 1854.

Por .....

### A MULHER DO NEGOCIANTE.

Era noite de baile na casa do negociante Apsley. Mistress Apsley, dando este baile, festejava as nupcias da sua filha Emma com um par de Inglaterra, mais apaixonado pelo dote, do que pela formosa herdeira que lhe entregavão.

A praça de Grosvenor, e as ruas adjacentes, estavam cheias de carruagens magnificas e de lacaios insolentes. O palacio, cujas luzes brilhantes illuminavão a praça, parecia uma estufa immensa cheia de lindas flores. Havia flores na entrada, na escada, nos gabinetes, nas salas; por toda a parte os sentidos se embriagavão com o precioso aroma das plantas mais ricas.

A sociedade escolhida que circulava pelas salas sumptuosas do opulento negociante, invejava, criticava e admirava alternativamente o luxo, a prodigalidade e a graça que tinham presidido ao arranjo do baile.

— E' uma loucura tamanha magnificência, dizia uma fidalga velha, que em loucas despezas

arruinára a sua fortuna; mistress Apsley deveria primeiramente tratar de seus filhos. Mas se ella só quer brilhar...

— Quer antes jogar, disse um lord conhecido por grande jogador; mistress Apsley não é garbada, nem orgulhosa, mas gosta muito das cartas.

— E' tudo isso ao mesmo tempo, disse dali uma senhora de physionomia carregada e anti-pathica. Ninguém a conhece como eu, que sou de ha muitos annos sua amiga.

— Eis aqui o que são os amigos! murmurou um sujeito de physionomia veneravel, afastando-se daquelle grupo caridoso, que assim fagava a hospitalidade do negociante.

Apezar de todas estas conversações mais ou menos más, o prazer reinuava entre a multidão; mas no momento em que o baile se achava mais animado, ouviu-se um grito terrivel, que gelou a alegria de todos. As quadrilhas suspendem-se,

inquietao-se todos, pergunta-se a causa daquelle grito, e sabe-se que o dono da casa, o rico negociante que tantos invejavão, acaba de ser fulminado por uma apoplexia.

Alguns minutos depois as salas estavam desertas. E' que a idéa de morte se associara a idéa de ruina. Quando a desgraça entra n'uma casa, raros são os amigos que ficam.

Nem todos, porém, haviam fugido da casa do negociante. O doutor Molden, medico dos pobres, sua mulher, e a boa Alice Meinthein, estavam ao pé do canapé, e tratavão do doente. Convidando-os para virem assistir ás nupcias de sua filha, mal sabia elle que os convidára para o acompanharem na hora da agonia.

Molden, contudo, ainda esperava salvar o doente, talvez porque a Providencia o havia feito testemunha da scena que produzira aquella desgraça, a que de proposito acudira.

Fatigado, fugindo da bulha e do calor, Molden se havia retirado para um gabinete afastado da sala do baile, casa ornada com luxo e elegancia que o doutor não admirava, porque tinha toda a sua attenção concentrada na mesa onde mistress Apsley jogava e perdia sommas enormes com duas senhoras da alta aristocracia, que se haviam tornado celebres em Londres pelas suas intrigas amorosas, e pela extraordinaria felicidade que as acompanhava sempre no jogo.

A orgulhosa mulher do negociante perdia sem proferir um queixume, quando se ouviu rumor do lado da porta principal. A multidão afastou-se, e um homem de chapéu na cabeça e coberto de pó se dirigiu para a mesa; este homem era Apsley.

— Senhora! disse elle tremendo de colera, e agarrando violentamente no braço de sua mulher. Perdestes-me... arruinastes-me... destruístes o meu credito... deshonrastes o meu nome. Eis aqui a vossa obra, aqui está o fructo das vossas extravagancias!...

E mostrava-lhe uma letra protestada, que trazia na mão, não reparando no murmúrio de admiração que se começava a ouvir, e a multidão de espectadores que se apinhava para gozar de mais esta scena.

— Meu amigo, meu caro Henrique, meu esposo, balbuciava mistress Apsley, sem ter força para se levantar da sua cadeira. O que é? O que significão esses gritos?

— O que significão, miseravel?... Isto significa que me arruinou, que me perdeu, que me assassinou; ainda não comprehende?... O que é feito de quarenta mil libras que eu havia depositado em casa do meu banqueiro? Diga-me o que é feito dellas?...

E dizendo isto aproximava-se de sua mulher com um gesto ameaçador.

Mistress Apsley não podia responder-lhe, porque achára prudente cahir desmaiada nos braços de uma das damas caridosas, que tinham vindo da sala para assistir a esta bella scena da vida intima do negociante.

— Não falla, continuava o infeliz negociante, cujo furor se tornava mais violento. Eis aqui os papeis, aqui está a letra protestada, porque

o meu banqueiro já não tinha fundos. E fostes vós, senhora, que os dissipastes, sem que eu soubesse, deshonrando assim a minha velhice. Maldita... maldita!...

E pronunciando estas palavras o infeliz Apsley cahiu fulminado. O doutor Molden tratou de o socorrer immediatamente; os espectadores fugirão espavoridos; e naquellas salas, ainda agora tão brilhantes; poucas horas depois reinava o abandono e a consternação.

Não foi a crise tão terrivel como a principio se julgára; o honrado negociante salvou-se, e dous ou tres dias depois estava em estado de ir para fóra de Londres, não tanto para se restabelecer, como para deixar extinguir os clamores importunos dos curiosos. Passou um mez, e neste lapso de tempo a scena do baile tornára-se velha para que ainda alguém se entretivesse em fallar della. Apsley e a sua familia voltáráo para Londres, sem a menor hesitação. O digno negociante era estimado pelos seus collegas; os que se haviam rido da sua esposa vaidosa e extravagante respeitavão o homem honrado, que chegára á beira do sepulchro por lhe haverem protestado uinã fetra. Todos o receberão com interesse e afeição. O seu credito não havia soffrido abalo por aquella crise momentanea. Continuava a ser o homem rico e importante. Se houvesse tido ambição poderia ter chegado a membro do parlamento, ou a director da companhia das Indias; mas o que elle queria era ser sempre rei na praça do commercio. E de feito, a praça era para elle a sala do throno. Fazia gosto vel-o passear com certa negligencia, de sorriso nos labios, e com as mãos nas algibeiras. O honrado negociante gozava com delicia da sua importancia commercial e financeira, que devia só a si, á sua intelligencia, ao seu trabalho, á sua industria, e á sua boa conducta.

Apsley era filho de um marinheiro, e não se envergonhava do seu humilde nascimento. Aos 15 annos embarcou, na qualidade de moço, a bordo de um navio mercante, que se fazia de vela para as Indias occidentaes. A vida aventureira dos marinheiros não agradou ao nosso heroe, e como fosse intelligente e trabalhador, ficou ao serviço do capitão; que o dispendeu dos trabalhos mais penosos do bordo. Apsley, agradecido por este favor, afeiçãoou-se sinceramente ao patrão. Por sua parte também este tomou amizade ao moço, porque se parecia com um filho predilecto que deixára em terra. Ensiuou-lhe a ler, escrever e contar, e pouco depois encarregou-o da contabilidade daquelle mudo-sinho fluctuante em que reinava.

Arranjadas as cousas deste modo, a sorte de Apsley tornára-se brilhante. Chegando a Londres, o capitão morreu, e, querendo assegurar o futuro do seu protegido, pediu ao dono do navio que o empregasse no seu escriptorio, ainda que fosse com pequeno salario. O rapaz entrou ganhando pouco; mas no fim de dous annos tornára-se de tal modo necessario, que lhe derão o logar de primeiro caixeiro, com o ordenado de 500 libras annuaes.

A prosperidade não alterou os seus habitos.

Habitado a viver com pouco, empregava utilmente a maior parte dos seus ordenados, de maneira que, em poucos annos, teve á sua disposição um pequeno capital. Havia porém uma despeza em que elle nunca economisava, era na que fazia com os orphãos do capitão. O filho entrára na marinha real, onde ia começar uma carreira brilhante. A filha estava no collegio onde recebia uma educação excellente.

A desgraça cahiu sobre a casa em que Apsley estava empregado. Como as perdas successivas tornassem a banca-rola inevitavel, o nosso heróe viu-se obrigado a trabalhar por sua conta. O primeiro ensaio foi feliz. Tentou segundo e terceiro, sempre com prudencia, e teve a satisfação de ver augmentar o seu capital. Apesar das novas riquezas, Apsley não abandonára o seu systema de economia. Aos trinta annos casou com Kettle, a filha do capitão.

Miss Kettle Wilsou era senhora de vinte e sete ou vinte oito annos, bem feita, mas feia, e apaixonadamente amadora do luxo, dos enfeites, e dessas sociedades, de que havia adquirido o gosto, não pela pratica, mas pela leitura dos romances do dia, e pelas conversas que tinha-tido com outras mezinhas mais livres do que ella. Havia perfeito contraste entre Miss Kettle e o seu marido. Tanto tinha ella de activa e orgulhosa, como elle de modesto e simples.

Senhor de uma fortuna de príncipe, pai de duas crianças lindas, Apsley poderia ter vivido perfeitamente feliz; mas sua mulher era descomedidamente ambiciosa, e o impellia para as mais atrevidas especulações. Enquanto ella dissipava o capital que elle adquirira, o honrado negociante, que a estimava, não se atrevia a fazer a minima observação.

Mistress Apsley mandou fazer um rico palacio na praça de Grosvenor, e, cercada de uma multidão de parasitas, passava a sua vida em festas e bailes. Os jornaes registavão as descrições dos bailes esplendidos que dava a mulher do negociante, esquecida dos seus deveres de mãe, para se entregár unicamente aos prazeres e á dissipação. Apsley lastimava tudo isto, mas não tinha coragem para lhe dar remedio. Contemplava com horror, mas em silencio, este luxo, esta desordem fatal, que devorava o ouro dos seus cofres.

Não tendo quem a dirigisse, mistress Apsley tornava-se cada vez mais extravagante. A educação de seus filhos resentia-se do abandono em que os haviam deixado. Emma, que havia tido por fortuna uma governante boa, lastimava a conducta desagrada de sua mãe. Seu irmão, pelo contrario, era como Kettle; gastava em Oxford a enorme pensão que seu pai lhe abonava, e ainda assim estava sempre privado de dividas. Tudo isto envenenava a vida do honrado e laborioso negociante, que lastimava a sua sorte, e invejava a dos operarios que vivião felizes no seio de suas pobres familias.

Neste estado se achavão as cousas, quando aconteceu o incidente que começa esta historia. Depois do regresso de Apsley a Londres, tudo começou de novo; ao meos na apparencia, a

caminhar regularmente; mas o golpe havia affectado profundamente as faculdades moraes do negociante; o ataque de apoplexia desarranjára por tal modo a cabeça do infeliz, que já não empreheudia senão os negocios mais temerarios, com tanta leviandade, quanta era d'autes a sua prudencia. Depois, repentinamente aterrorou-se, quiz liquidar, e sacrificou á sua insensata impaciencia tres quartos da fortuna que ainda conservava.

Mistress Apsley não desviava o seu marido deste caminho funesto. De dia e de noite corria as lojas; apparecia em todos os bailes; comprava carroagens novas, mobilia nova; indemnizando assim o seu orgulho, que soffrera um golpe fatal na noite do baile. Conduzida por este modo a casa do pobre Apsley, que só fazia empresas infelizes, desmoronou-se pouco a pouco; a sua immensa fortuna esvaeceu-se como um sonho; e com ella o seu credito e a sua consideração.

Na desgraça, Apsley recobrou á energia e a coragem que tivera enquanto moço, e sem uma queixa se resignou á vida regular e laboriosa de outros tempos. Não aconteceu o mesmo a mistress Apsley. Quasi sempre colérica e desesperada, lançava em rosto a seu marido a desgraça de que ella era só culpada. Enfim a raiva, o orgulho, o furor, que lhe enchião o coração e ulceravão a alma, originarão uma febre intensa, que a livrou de ver morrer seu filho, poucos dias depois, ferido em duello pelo sobrinho de um negociante, que osára atacar diante d'elle a reputação de seu pai.

Estas duas noticias terríveis fizeram grande impressão em Apsley; empallideceu, o rosto cobriu-se-lhe de suor frio, e com a cabeça quasi perdida começou a dar gritos de desespero. Quando se achava mergulhado em profundissima dôr, sua filha, a boa Emma, entrou devagarinho no quarto, e aproximou-se d'elle, pallida, tremula, lavada em lagrimas.

— O que teus, minha filha? De que provém essa emoção? Porque trazes vestidos de lucto, em vez dos vestidos de noiva?

Assim fallava o infeliz Apsley, abraçando sua filha, e sentando-asobre os joelhos.

Emma olhava inquieta para seu pai, enquanto elle affastava os bellos cabellos louros, que cahião em desordem sobre o rosto de sua filha.

— Mas os teus cabellos estão humidos, minha filha... E choras!... O que tens, Emma? Ainda não disseste a teu irmão e a tua mãe, que o ministro nos espera no altar para abençoar o teu casamento?

— Meu pai!... meu pai... exclamou soluçando a pobre Emma, que acabava enfim de comprehender; amo-vos mais do que nunca...

E, pronunciando estas palavras, cahiu sem sentidos aos pés do velho.

Quando veio o Dr. Molden, achou o velho doente e a filha morta.

O céo dotára generosamente o honrado Apsley,

dando-lhe energia, talento, coragem, fortuna e horas — uma mulher lhe roubou tudo isto.

A ruina de uma casa, e a sua fortuna, quasi sempre dependem de uma mulher.



## BOLETIM MUSICAL.

Ora finalmente, leitoras, tenho alguma noticia importante para dar-vos sobre musica; e nada é menos do que a organização do conservatorio nacional. Sabeis que este estabelecimento existe ha alguns annos, que tem gasto já boa somma do thesouro publico, que ainda não apresentou um discipulo que servisse, ao menos, para corista da companhia lyrica italiana, e que apenas em Dezembro ultimo ouviu o Sr. ministro do Imperio um côro estudado e preparado com muita antecedencia e esforço, para ser cantado perante S.<sup>o</sup> Ex. no dia do encerramento das aulas.

Pois no *Jornal do Commercio* do dia 6 do corrente foi publicada a portaria e nomeações de diversos lentes para outras novas cadeiras creadas neste estabelecimento; e, o que é mais, foram algumas dellas providas com muito pouco acerto e impropriedade tanto mais notaveis quanto ha professores nacionaes muito mais aptos para o ensino. Referimo-nos ao Sr. Scaramella. Este senhor é flautista; mas ha nesta cidade outros mais distinctos, e nacionaes, que deverião ser preferidos, e entre elles citaremos os dous conhecidos professores Motta e Cruz Lima, cujas composições são constantemente annunciadas, e cuja execução é proverbial. Como ha de um dos professores nomeados ensinar diversos instrumentos de sôpro, se elle apenas conhece um?

Porque não foi lembrado o Sr. Goyano, que tão exuberantes provas tem dado de si e do seu excellente methodo de ensino no conservatorio do collegio-Marinho? Porque não foi lembrado o Sr. Bento Mercês, cujos discipulos frequentemente se apresentão nas festas de igreja, mostrando a instrução adquirida no conservatorio creado por este senhor? Não merece elle alguma attenção pelo serviço que presta á sciencia ensinando gratuitamente a um bom numero de discipulos?

Maldito patronato que faz preterir os nacionaes habeis por estrangeiros, embora sejam igualmente habeis; pois enquanto houver taes preferencias existirá o desanimo nos nossos patrios que, embora tenham grandes talentos, serão sempre considerados menos dignos para dar-se a superioridade a estrangeiros. Não somos exclusivista: applaudimos a nomeação do Sr. Giannini como muito habil e profundo para a sua cadeira: porém censuramos preferencias immereci-

das, occasionadas talvez por erradas informações dadas ao Sr. ministro.

Basta que aos musicos estrangeiros se paguem ordenados excessivos; quando a outros com iguaes habilitações nem metade delles se lhes dá.

Ha na nossa terra muitos bons musicos, e alguns, como os fallecidos José Mauricio e João dos Reis, erão conhecidos ha Europa sem terem necessitado ir lá adquirir a sciencia que tinham. Ahi vive ainda o Sr. Francisco Manoel e outros cujo saber artistico é respeitado sem, que o fossem buscar na Italia ou na França. Basta porém de conservatorio.

Na quinta-feira, por occasião do beneficio da Sra. Ricciolini, foi executada no theatro de S. Pedro a valsa — *D. Pedro V*, do Sr. Cruz Lima, em grande orchestra.

O theatro lyrico deu-nos mais uma ópera nova — *Os Arabes nas Gallias*, a qual subiu á scena pela primeira vez, na noite de 5 do corrente, com grande acção. O desempenho foi bom, e as horas da noite pertencerão ás Sras. Zecchini e Casaloní, e ao Sr. Bouché. A primeira foi applaudida com tanto maior justiça quanto via o publico os seus esforços para agradal-o, quando sua voz estava enfraquecida por seus padecimentos. A Sra. Casaloní creou para si o papel que desempenhou, tornando manifestos os seus progressos no estudo da mimica e jogo de scena.

O Sr. Bouché deu ainda mais uma prova de quanto é digno do conceito artistico de que tão justamente goza.

Temos pesar que o Sr. Labocetta se achasse nessa noite tão incommodado; mas, não estando por esse motivo a sua voz tão agradável como naturalmente é, desempenhou a sua parte tão bem quanto lhe era possivel.

Na noite de 6 houve repetição da ópera *Trovador*, cuja musica e desempenho já são bem conhecidos por nossas queridas leitoras.

Na noite de 8 teve logar a segunda representação dos *Arabes nas Gallias*, a qual correu muito melhor que da primeira vez, sendo com razão applaudidos os actores pela diligencia que mostrarão em bem desempenhar os seus papeis. Hontem deve-se ainda uma vez ter dado o *Trovador*.

Eis tudo quanto a respeito vos pôde dizer por hoje a vossa

Corina.

Acompanha este n.º 6 uma estampa com figurinos de estar em casa e de passeio.